

Se liga, são elas na física

MARIE CURIE (1867 - 1934)



Meu nome completo é Marie Sklodowska Curie e minha cidade natal é Varsóvia, que na época fazia parte do Império Russo. A família na qual nasci contribuiu - e muito - para que eu me tornasse uma das cientistas mais admiradas do mundo: meu pai era professor de física e de matemática e minha mãe, professora, pianista e cantora. Lá em casa, a educação era prioritária. Papai, que até mesmo abriu uma escola, me incentivou muito.

Após concluir o colegial, não consegui entrar para a Universidade de Varsóvia simplesmente porque eu era mulher. Mas frequentei a Universidade Volante, uma organização clandestina que procurava melhorar a educação do povo polonês, em oposição ao esforço imperial de russificação.

Para dar sequência a meus estudos, peguei minhas malas e parti para a França, onde consegui juntar dinheiro dando aulas particulares e trabalhando como governanta. Em 1889 entrei para a Sorbonne e, quatro anos depois, me formei em física. No ano seguinte, obtive o diploma de matemática e conheci Pierre Curie, professor de física, com quem me casei. Passei a ser chamada de Madame Curie, mas não abdiquei do meu sobrenome polonês, que mantive nas minhas assinaturas.

Em 1897, iniciei meu doutorado e escolhi como tema os raios urânicos, revelados por Henri Becquerel no ano anterior. Usando equipamentos precisos criados por meu marido, descobrimos que estes raios são uma propriedade atômica e não química, como se acreditava na época. Denominei este fenômeno de radioatividade. Durante o desenvolvimento de minha tese, ganhei por três vezes o prêmio Gegner da Academia Francesa de Ciências. Pierre abandonou seus trabalhos sobre piezoelectricidade e passou a colaborar comigo nas pesquisas sobre radioatividade. Concluí minha tese, intitulada *Pesquisa de Substâncias Radioativas*, em 25 de junho de 1903. O estudo foi muito elogiado pela banca. Porém, o maior reconhecimento pelo meu trabalho chegou em 10 de dezembro do mesmo ano, quando o prêmio Nobel de Física foi atribuído a mim, ao professor Becquerel e a Pierre, meu marido. A honraria nos foi concedida devido ao nosso estudo sobre radioatividade.

Não bastasse isso, para minha alegria, oito anos depois, em 1911, veio o meu segundo Nobel, desta vez em Química, por minhas descobertas do rádio e do polônio, que, assim como os já conhecidos urânio e tório, eram naturalmente radiativos. O polônio foi batizado assim em homenagem à minha terra natal. Quem mais recebeu dois prêmios Nobel em duas áreas diferentes da Ciência? Ninguém!

A Sorbonne honrou-me com o cargo de professora: a primeira mulher nesta prestigiada instituição. Como se não bastasse isso, fui a primeira mulher responsável por um laboratório universitário francês e a primeira a receber a Medalha Navy, uma prerrogativa da Real Sociedade de Londres em reconhecimento por minhas descobertas em química.

Eis que em 1914 começa a Primeira Guerra Mundial, que se alongou por quatro anos. Foi neste front de batalha que coloquei em prática um serviço de radiografia móvel. Com as *Petites Curies* (*Pequenas Curies*), me dediquei totalmente ao sangrento conflito. Minha filha Irène foi a minha assistente. Ela me ajudou com as radiografias e no treinamento de enfermeiras para o uso destas máquinas. Adaptei máquinas de raio X em automóveis. Assim, os feridos podiam ser radiografados bem perto das linhas de frente das batalhas. Isso permitia diagnósticos rápidos e com informações precisas para eventuais cirurgias.

Não foi pouco o que fizemos nas zonas de combate da França e da Bélgica. As 114 *Petites Curies* e os 150 centros radiológicos fixos, todos criados por mim, atenderam a mais de 1 milhão de soldados feridos. Eu mesma realizei pessoalmente mil exames radiológicos. Foi a partir desta iniciativa que se disseminou o uso da radiografia na medicina, mesmo em tempos de paz.

continua

Em 1914, foi criado o Instituto do Radium em Paris. O objetivo era fazer pesquisa básica sobre radiação e investigar suas possíveis aplicações, em especial na área médica. Inicialmente tive que dividir a direção do instituto com um médico, mas a partir de 1918 passei a ser a única responsável pela instituição. Lá, realizei minhas pesquisas até o fim da minha carreira. Após minha morte, o nome foi alterado para Instituto Curie. Hoje, o prédio abriga o Museu Curie. Também recomendo o Museu Maria Skłodowska-Curie, em Varsóvia.

Além da pesquisa, me dediquei à educação. Quando minhas filhas eram pequenas, eu e outros jovens cientistas fundamos uma escola para nossos filhos porque avaliávamos que o ensino público francês não era adequado. Nós mesmos éramos os professores e, além das aulas, estimulávamos as crianças a realizar atividades físicas. No Instituto Radium, acolhemos jovens cientistas, inclusive muitas mulheres.

Viajei para vários países para dar palestras e incentivar o desenvolvimento da Ciência, especialmente com a participação feminina. No Brasil, junto com minha filha Irène, ministrei curso na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Visitamos Belo Horizonte, onde conhecemos o Instituto do Radium, para o qual doei amostras do elemento rádio para uso em tratamentos médicos.

Depois de muitos problemas de saúde, em grande parte associados à minha exposição à radiação, faleci em 1934.

REFERÊNCIAS

Museus:

Museu Curie: <https://musee.curie.fr/>

Maria Skłodowska-Curie Museum:

<https://warsawtour.pl/en/museum-of-maria-skłodowska-curie/>

Livros:

"A Visita de Marie Curie no Brasil", de João Pedro Braga e Cassius Klay Nascimento

"Madame Curie", de Eva Curie (Companhia Editora Nacional – 1976)

"Sobre o Caso Marie Curie": a Radioatividade e a Subversão do Gênero", de Gabriel Pugliese

"Radioativos - Marie Curie e Pierre: Uma História de Amor e de Contaminação", de Lauren Redniss

"Marie Skłodowska Curie: Imagens de Outra Face", de Raquel Gonçalves Maia

"Gente Pequena, Grandes sonhos", de María Isabel Sánchez Vergara

"A Era da Incerteza: Como os Grandes Gênios da Física Mudaram a Maneira Como Vemos o Mundo", de Tobias Hurter

"Aulas De Marie Curie", Anotadas Por Isabelle Chavannes Em 1907

"Grandes Biografias: Marie Curie" – Coleção da Folha de S. Paulo

Filmes:

Madame Curie (1943) dirigido por Mervyn LeRoy

Radioactivity (2020) dirigido por Marjane Satrapi

Marie Curie et la lumière bleue (2016) dirigido por Marie Noëlle

Documentários:

Marie Curie, Au Delà du Mythe (2011), dirigido por Michel Vuillemermet

Créditos

Texto: Florência Costa

Retratos: Rayane Oliveira da Silva Pires

Identidade visual da exposição: Camila Moesia

Template: Marina Moesia

